

A PROVÍNCIA

Semanário

INFORMAÇÃO •• CULTURA •• RECREIO



Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18 — TELEF. 026 487
MONTIJO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAFEX» — TELEF. 026 236 — MONTIJO

DIRECTOR
RUY DE MENDONÇA

Dar sangue

PUBLICOU o nosso jornal no último número, um apêlo da Santa Casa da Misericórdia de Montijo, pedindo dadores de sangue, a fim de se iniciarem os trabalhos para a criação de um serviço de transfusões de sangue no Hospital Sub-Regional.

Não sabemos neste momento, pois são poucos os dias decorridos, qual a reacção do público, nem qual a aceitação que a idêia, aliás felicíssima, teve da parte daqueles que mais directamente vão beneficiar da humanitária iniciativa.

Temos até a impressão que, para muitos foi de surpresa e incompreensão a sua atitude, em face do pedido e, não alcançaram o transcendente interesse do empreendimento.

Por isso, não temos dúvidas em que nestes primeiros tempos, certas dificuldades e até por vezes profundo desinteresse possam fazer perigar a ideia e demorar a sua execução.

Dar sangue, é tributo notável e humanitário a que nenhum indivíduo se deve furtar.

Mas não é só essa a missão de um Banco de transfusões, pois que todo o indivíduo deveria até obrigatoriamente, fazer a sua inscrição nestes serviços, a fim de que se podesse efectuar a classificação do seu grupo, para que em qualquer altura e circunstância, rápida e urgentemente se lhe possa em caso de acidente, efectuar uma transfusão salvadora, sem o perigo de pela demora de análises e exames, se ter que previamente determinar o grupo a que pertence.

Não há pois uma obrigatoriedade de dar sangue, se voluntariamente se for inscrever.

Mas há uma incontestável vantagem se o fizer, porque pode esse acto salvar a sua própria vida.

Mas, se fisicamente é um indivíduo são e, se depois de observado se verificar, ser um óptimo e útil dador, porque não há-de esse indivíduo contribuir com a sua cota parte para salvar o seu semelhante, praticando um acto humanitário e altruista?

Que os Montijenses, acorram ao chamamento do seu Hospital, são os nossos votos, por nossa parte iremos em artigos seguintes tentando mostrar as vantagens e benefícios do alto serviço que o Hospital de Montijo, em tão boa hora está montando.

Imagens do Mundo

Uma curiosa paisagem dos mares do Sul



Homenagem ao Presidente da Câmara Municipal de Sesimbra

Realizou-se na terça-feira 21, em Sesimbra a projectada homenagem ao Sr. Engenheiro José Braz Roquette, ilustre Presidente da Câmara Municipal da típica vila piscatória, do nosso distrito.

O Sr. Eng. J. Braz Roquette que foi reconduzido no lugar que com tanto brilhantismo e invulgar aprumo e dignidade vem desempenhando há 8 anos, tem sido em Sesimbra o Homem a que se recorre em

(Continua na página 7)

Crónicas Irrequietas - 19

O BONECO DE NEVE

Quando há poucos dias a temperatura foi para baixo de zero, a água gelou nos canos, e a gente matraqueou com os dentes que foi um consolo, eu vi uns garotos esculturar a neve e trazer para a celebridade um boneco pequeno e paspalhão.

Ele era disforme e inexpressivo, pernitias esgaldadas e braços inarticulados. Os pés e as mãos não tinham arte, e faltavam-lhe, no geral, os traços comezinhos da estética comum. No rosto havia cavidades e saliências, — olhos e boca; nariz e orelhas. E levava na cabeça um penante esburacado, destes que o Destino atirou para o caixote das inutilidades.

Não obstante, daquele conjunto resultava certo pitoresco, certo exotismo que Picasso não recusaria assinar, se fosse escultor, qualquer coisa de inédito e de estranho que os existencia-listas não hesitariam em perflhar com entusiasmo.

A garrula mocidade lá o

transportava de porta em porta, de beco em beco, numa exposição ambulante e diabólica, para que se visse e se observasse até onde a imaginação incipiente pode empurrar o talento indeciso.

E ele lá ia, cada vez mais

POR
ÁLVARO VALENTE

acompanhado, aos solavancos, cai não cai, como os outros bonecos de Hoffman, qual espantinho hediondo para atemorizar os pássaros daninhos.

Não sei porquê, talvez por manha ou vício, deu-me para psicanalisar subjectivamente os factos:

— Aquele boneco não tinha coração, nem alma, nem espírito; era apenas um bloco vítreo, — frio, frio, gelo, gelo, — insensível e material.

Era tal e qual como alguns seres humanos que eu tenho conhecido pela vida fora. Sem coração, sem alma, sem espírito, — frio, frio, gelo, gelo, — indiferentes às desditas que lhes passam aos lados, às infelicidades que lhes gravitam na órbita e fora dela! Dum materialismo irrisório, calculado, pétreo, que nos arpeja e nos envergonha, que nos amargura e nos indigna!

Eram e são, com efeito, como o boneco que os garotos construíram, para regalo e distracção, naquela manhã siberiana deste Fevereiro.

Creio que assim se formou o Egoísmo. Creio que, pelo

(Continua na página 4)

Praça de Touros de Montijo

A Campanha do Cimento

Não se pode dizer que tenha caído em saco roto a «Campanha do cimento» em boa hora alvitrada pelo nosso conterrâneo sr. João Carlos de Oliveira e cuja carta «A Província» publicou no último número.

Assim, a campanha conta já com algumas ofertas de sacos de cimento, cuja lista começaremos em breve a publicar e esperamos ver extraordinariamente aumentada no decorrer das próximas semanas.

Quanto a novidades sobre início dos trabalhos, nada podemos hoje adiantar, visto que faltam resolver pequenos assuntos de gabinete cuja demora se conta seja curta.

A CORTIÇA na economia portuguesa

Nunca em Portugal um produto de exportação atingiu tão elevado índice monetário como a cortiça, que, em 1955, de Janeiro a Novembro, alcançou a elevada cifra de 1.600.000 contos. Se atendermos a que no mês de Dezembro não deve ter sido fixada em menos de 100.000 contos a exportação, ficamos com uma ideia aproximada do grau de importância que representa para a balança de comércio este alto factor de riqueza.

Junte-se agora a isto o facto de haver ainda no país um «stock» apreciável de cortiças para exportação e a certeza de que o consumo interno, de Janeiro a Dezembro do ano passado, deve ter alcançado cifras

verdadeiramente notáveis, e atingiremos a convicção firme que é de longe este o mais importante elemento em que se estrutura o desa-

(Continua na página 5)

O 1.º Aniversário de "A PROVÍNCIA"

O próximo número de A PROVÍNCIA será aquele com que festejamos, o nosso primeiro ano de vida.

Não será talvez o que desejaria-mos oferecer aos nossos dedicados leitores, é no entanto o que neste momento e, dadas as dificuldades que toda a imprensa do país atravessa podemos dentro da nossa modéstia apresentar.

Mais uma vez se pede, à nunca desmentida dedicação dos nossos anunciantes, o favor de, querendo colaborar com publicidade das suas firmas, o comunicarem directamente à redacção até ao próximo dia 26.

VIDA
PROFISSIONAL

Médicos

Dr. Alcides Cunha
Montijo — Sarilhos Grandes

Dr. Avelina Rocho Barbosa
Das 15 às 20 h.
R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 245 — MONTIJO

Dr. Eduardo Gomes
Consultas todos os dias às 17 horas.
R. Machado Santos, 6-1.º
Telef. 026038 — MONTIJO

Dr. Fausto Meiva
Largo da Igreja, 11
Das 10 às 13 e das 15 às 18 h
Telef. 026 256 — MONTIJO

Dr. J. Sousa Correia
CLINICA DENTÁRIA
Dentes artificiais e consertos
Consultas todos os dias
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas
Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

Dr. M. Santos Cruz
Interno dos hosp. civis de Lisboa
Doenças da boca e dentes
Dentes artificiais
Consultas às 2.ªs e 6.ªs feiras
às 14 horas.
R. Bulhão Pato, 7 — Montijo

Dr. F. Sepulveda da Fonseca
INTERNO DE PEDIATRIA
(Doenças das crianças) dos
Hospitais Civis de Lisboa
Passou a dar consultas todos
os dias às 8 e às 15 horas na
R. D. Estefânia, 81 r/c.
Telef. 51589 LISBOA

Dr. Isabel Gomes Pires
Ex-Estagiária do Instituto
Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.ªs e 6.ªs feiras
R. Almirante Reis, 68-1.º - Montijo
Todos os dias
Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48619

Parteiras

Felisbela Victória Pina
Parteira - Enfermeira
Partos, injeções e tratamentos
Rua Sacadura Cabral, n.º 50
MONTIJO

Augusta Marq. Charneira Moreira
Parteira-Enfermeira
Diplomada pela Faculdade de
Medicina de Coimbra
Rua Tenente Valadim, 29-1.º
MONTIJO

Advogados

Dr. Alberto Cardoso do Vale
Escritório: Praça da República, 4
MONTIJO

Dr. Roúl Elias Adão
Montijo — Telef. 026 252
Praça do Quebedo, 1 - r/c.
Telef. 2240 — Setúbal

Tendo V. Ex.ª que efectuar
Seguros em qualquer ramo
não deixe de consultar

Luis Moreira da Silva
Rua Almirante Reis, 27
Telefone 026 114
MONTIJO

Montijo dia a dia

As pequenas colectividades de Montijo devem
ser olhadas com mais carinho e maior simpatia

Soc. Recreativa do Alto das Vinhas Grandes

A *Provincia*, sempre atenta ao movimento associativo de Montijo, lança hoje nas suas colunas um campanha tendente ao melhor conhecimento e propaganda das nossas pequenas colectividades.

Entre elas destaca-se pelos seus fins altruistas e culturais a *Sociedade Recreativa do Alto das Vinhas Grandes*, cuja acção é importante salientar, pois representa no Bairro onde tem a sua sede, um verdadeiro baluarte de cultura, recreio e instrução, além de olhar com especial atenção e carinho os problemas sociais dos seus associados.

Ora porque isto não é vulgar, até nas grandes colectividades, resolvemos por bem, ouvir para o nosso jornal algumas palavras do Presidente da Direcção agora empossada, da qual fazem parte além do seu novo Presidente Sr. Manuel Gomes, mais os seguintes associados: Vice-Presidente, António Margalhal; 1.º Secretário, José Joaquim Marcial; 2.º Secretário, Mário Augusto Pereira; Tesoureiro, António Coelho; Vogais, Joaquim Evaristo de Azevedo e José Francisco da Silva.

Desejámos saber em primeiro lugar quais os principais objectivos com que a colectividade tinha sido fundada? Foi prontea e convincente a resposta do nosso entrevistado:

— A «Sociedade Recreativa do Alto das Vinhas Grandes», além da finalidade recreativa e cultural tem sempre presente o bem estar social dos seus associados, procurando socorrê-los nas horas críticas da sua vida e auxiliando-os com donativos ou promovendo festas para acorrer a certas dificuldades materiais, tais como doenças, mortes, etc..

— Quais os meios de que dispõem para exercer a vossa acção, em tão vasto e completo campo?

— Damos periodicamente festas e espectáculos, possuímos uma biblioteca e realizamos nas quadras próprias os bailes tradicionais.

— Mas quanto ao problema de assistência no aspecto social, qual é efectivamente a vossa acção?

— Não podemos fazer milagres — diz-nos num sorriso o Sr. Manuel Gomes — mas com pouco mais de 100 associados, resolvemos por vezes situações angustiosas e prestamos auxílios, que outros em muito melhores condições do que nós, não se atreveriam, nem se importariam com isso. Temos feito festas na nossa sede a favor de várias pessoas com

o fim de angariar fundos para acorrer às despesas das suas doenças, de funerais de entes queridos, de compra de medicamentos, ou minorar a miséria em que por vezes ficam as famílias, ao falecer o chefe.

— Tem alguns projectos quanto a esta espécie de colaboração social que tão altruisticamente a colectividade vem prestando?

— Sim. Pensamos em criar um posto médico, para consultas quinzenais e um posto escolar infantil.

— Explendida ideia — atalhamos — mas a cotização parece-nos insuficiente para tão elevados propósitos.

— E' natural que a massa associativa aumente e que

«A Provincia» - N.º 51 - 23/2/1956

Tiago Augusto Alberto de Almeida & Filhos, Lda.

Por escritura 13 de Novembro de 1948, lavrada a fls. 30 e seguintes do respectivo livro n.º 351 do Cartório Notarial de Montijo, entre Tiago Augusto Alberto de Almeida, Tiago Augusto Alberto de Almeida Junior e Alberto Augusto Tiago de Almeida, foi constituída uma Sociedade Comercial por cotas de responsabilidade, limitada que será regida pelas clausulas e condições constantes dos artigos seguintes:

1.ª Esta sociedade adopta a firma «Tiago Augusto Alberto de Almeida & Filhos, Limitada», fica com a sua sede nesta vila, durará por tempo indeterminado contando-se para todos os efeitos o seu começo desde o dia 1 de Janeiro de 1949;

2.ª O seu objecto principal é o exercício da indústria de preparação de carnes fumadas, salsicharia, e engorda de gado suíno, podendo explorar qualquer outro ramo de negócio que convenha à sociedade, dentro dos limites da lei;

3.ª O capital social é de 100.000\$00 em dinheiro, está integralmente realizado e é representado pelas seguintes cotas; Do sócio Tiago Augusto Alberto de Almeida, 80.000\$00; Do sócio Tiago Augusto Alberto de Almeida Junior, 10.000\$00; Do sócio Alberto Augusto Tiago de Almeida, 10.000\$00;

4.ª Não são exigíveis prestações

acabem de vez os ditos e mexericos, pois que os nossos propósitos são sérios e desinteressados, pois tanto eu como qualquer dos outros elementos da Direcção só prejuizos temos, gastando do nosso bolso muitas vezes, importâncias várias e, dando o nosso esforço, trabalho e noites perdidas, a favor de uma obra que é de todos e, para todos os habitantes deste bairro.

— Gostaria de salientar alguns nomes de associados que tenham contribuído com o seu esforço para engrandecimento da Sociedade?

— Sim. Em primeiro lugar a Comissão de Melhoramentos,

(Continua na página 3)

suplementares de capital, mas qualquer dos sócios poderá fazer os suprimentos de que a caixa social necessitar, nas condições que forem previamente convenionadas;

5.ª

O sócio Tiago Augusto Alberto de Almeida pode alienar livremente a sua cota, no todo ou em parte, tanto a favor de outro sócio como de um estranho;

6.ª

A sociedade pode negar, pura e simplesmente, o seu consentimento para a alienação, total ou parcial, das cotas dos sócios Tiago Augusto Alberto de Almeida Junior, e Alberto Augusto Tiago de Almeida ou usar do direito de amortização, que lhe fica reservado, da cota alienanda, pagando-a por preço igual ao seu valor nominal acrescido unicamente da parte correspondente ao fundo de reserva legal;

§ Unico

Se a sociedade consentir na alienação e não quiser usar do direito de amortização, terão então os sócios individualmente e pela ordem do valor das suas cotas o direito de opção;

7.ª

Quando algum dos sócios Tiago Augusto Alberto de Almeida Junior ou Alberto Augusto Tiago de Almeida, quizer alienar a sua cota assim o comunicará à sociedade e aos restantes sócios, por carta registada, com aviso de recepção, indicando, o nome do adquirente e o preço que lhe é oferecido, e se dentro do prazo de 60 dias não receber qualquer resposta poderá realizar a cessão;

8.ª

A sociedade fica ainda com o direito de amortizar qualquer cota quando; a) A cota seja arrematada, penhorada ou por qualquer motivo sujeita a arrematação ou adjudicação judicial; b) Quando a amortização for resolvida em Assembleia Geral pela maioria de três quartos dos votos correspondentes ao capital social;

§ Unico

A amortização será feita no caso da alínea a) pelo valor nominal da cota, e no caso da alínea b) pelo valor que tiver segundo o último balanço aprovado;

9.ª

No caso de falecimento do sócio

Tiago Augusto Alberto de Almeida, ou quando por qualquer forma a sua cota seja transmitida a outrem esta só poderá ser alienada nos precisos estabelecidos nas clausulas sexta e sétima para a alienação das cotas dos outros sócios;

10.ª

A administração da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, incumbe a todos os sócios que desde já ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução e que terão ou não remuneração conforme for resolvido em Assembleia Geral e constar da respectiva acta;

§ 1.º

A gerência técnica da fábrica de preparação de carnes fumadas e salsicharia incumbe exclusivamente ao sócio Tiago Augusto Alberto de Almeida Junior, o qual se obriga a exercer esse cargo com zelo e assiduidade, e com absoluto acatamento das disposições legais regulamentadoras desse fabrico, respondendo individualmente por qualquer falta a que a sua negligência der causa;

§ 2.º

Ao sócio Tiago Augusto Alberto de Almeida, compete designadamente a direcção do negócio de compra e engorda de gado suíno;

§ 3.º

O gerente Tiago Augusto Alberto de Almeida poderá delegar todos ou parte dos poderes que lhe são conferidos, menos o uso da firma, em qualquer outro sócio ou mesmo em pessoa estranha à sociedade, e para isso conferirá os respectivos mandatos ou procurações;

§ 4.º

Para que a sociedade se considere obrigada são sempre necessárias as assinaturas de 2 dos gerentes, devendo uma delas ser sempre a do sócio Tiago Augusto Alberto de Almeida ou a do seu mandatário, constituído nos termos do § anterior;

§ 5.º

Em caso algum a firma social será empregado em fianças, avales, letras de favor e mais actos ou documentos estranhos aos negócios sociais;

11.º

Anualmente e com referência a 31 de Dezembro, dar-se-á um balanço, e os lucros líquidos apurados, depois de deduzida a percentagem de 5% para fundo de reserva legal, serão divididos pelos sócios na proporção das suas cotas;

12.º

Nenhum sócio poderá em seu nome individual associado com outrem ou por interposta pessoa exercer indústrias iguais ou semelhantes às que constituem o objecto principal desta sociedade;

13.º

No caso de morte ou interdição do sócio Tiago Augusto Alberto de Almeida a sociedade continuará com os seus herdeiros ou representantes, os quais deve nomear um que a todos represente na sociedade;

14.º

No caso de morte ou interdição de qualquer dos outros sócios fica a sociedade com a faculdade de dentro do prazo de 6 meses, amortizar a cota do falecido ou interdito, pagando-a pelo valor que tiver segundo o último balanço aprovado;

15.º

Esta sociedade dissolve-se nos casos legais e o liquidatário será o sócio Tiago Augusto Alberto de Almeida;

16.º

Para todas as questões emergentes deste contracto fica estipulado o foro da Comarca de Montijo, com renuncia expressa de qualquer outro;

17.º

Em todo o omissão regularão as disposições legais aplicáveis.

Montijo, 4 de Fevereiro de 1956.

O Ajudante do Cartório,
Manuel Cipriano R. Futre

SANFER, L. DA

SEDE

ARMAZÉNS

LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moíno que resistiu ao ciclone - FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.

CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados

RICINÓ BELGA para adubo de batata, cebola, etc.

CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro

ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

— Dia 17, o Sr. José Francisco Brito Rato, nosso particular amigo e prezado assinante em Beja.

— Dia 18, o Sr. José Carlos Gouveia Ricardo, filho do nosso prezado assinante Sr. Antão José Ricardo.

— Dia 19, o menino Joaquim Fernando Madeira Martins, filho da nossa estimada assinante Sr.ª D. Guiomar Madeira.

— Dia 21, a menina Helena Sabino Bernardes, sobrinha da nossa dedicada assinante Sr.ª D. Laura Bernardes.

— Dia 23, o Sr. Professor José Manuel Landeiro nosso prestante e dedicado colaborador.

— Dia 23, a menina Maria de Lourdes Barata Pereira Gomes filha do nosso dedicado assinante Sr. Alvaro Ferreira Barata.

— Dia 24, o menino Joaquim Fernando Neto Lucas.

— Dia 24, a menina Maria Gabriela Beja dos Santos Eusébio, filha do nosso assinante Sr. Gabriel dos Santos Eusébio e da Sr.ª D. Joaquina Beja Eusébio.

A gentil menina é neta do Ex.º Sr. Francisco Braz da Cruz e de sua esposa D. Maria Beja Braz da Cruz.

— Dia 24, o Sr. Salustiano Santana, nosso prezado amigo e assinante em Vendas Novas.

— Dia 26, o Sr. Adelino Norberto Pinto Martins, filho do nosso prezado assinante Sr. Norberto Martins Soares.

— Dia 29, a Sr.ª D. Margarida Rosa Dourado, esposa do nosso prezado assinante Sr. António Martins Vintém.

— Dia 2, o menino José Fernandes Pelirú, filho do nosso dedicado assinante na Atalaia, Sr. Francisco José Pelirú.

AGRADECIMENTOS

Padre António Gomes Pólvora

Francisco Gomes Pólvora, muito reconhecido agradece a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à sua última morada seu irmão Padre António Gomes Pólvora.

Padre António Gomes Pólvora

As sobrinhas e sobrinhos do Sr. Padre Gomes Pólvora, por impossibilidade de o fazerem pessoalmente e também por ignorarem muitas moradas vêm por este meio testemunhar a sua gratidão e agradecer a todas as pessoas que o acompanharam à sua última morada, assim como a todas que de qualquer forma lhes testemunharam o seu pesar, e que no dia 28 se realiza na Igreja Matriz missa às 9,30 h. pelo seu eterno descanso.

José Maria de Sousa

Eulália Jesus de Sousa, Luís de Sousa sua mulher e filha. Maria José de Sousa Costa seu marido, filho e mais família agradecem reconhecidamente, a todas as pessoas que o acompanharam à sua última morada ou que por qualquer forma, manifestaram o seu pesar.

Maria José Cambita

José Lopes Cambita

A família vem por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram apresentar condolências e acompanhar à sua última morada.

Notícias da Semana

Sociedade Recreativa do Alto das Vinhas Grandes

(Continuação da página 2)

composta da seguinte forma: Presidente, António José Marcelino; Tesoureiro, Robi Francisco da Costa; 1.º Secretário, Manuel da Silva Picanço; 2.º Secretário, António José Nobre; Vogais, João Henrique da Silva e Carlos Amaral. Destes acho por bem salientar o nome de Robi Francisco da Costa, grande amigo da colectividade, sempre na vanguarda e pronto aos maiores sacrifícios e José Pereira Ramos também um incansável trabalhador.

Outros por certo há, mas seria abusar da vossa gentileza estar aqui a enumerar todos, pois são inúmeros os associados a quem devemos gentilezas e muitos virão por certo colaborar conosco, agora que se pretende imprimir novos e melhores rumos à Sociedade.

E assim terminou a agradável conversa com o Sr. Manuel Gomes, Presidente da Sociedade Recreativa do Alto

O Alargamento da Ponte dos Vapores

Realiza-se no dia 14 do próximo mês de Março, o concurso para a empreitada do alargamento da Ponte dos vapores, obra há muito desejada por todos os Montijenses.

A base de licitação é de 233.800\$00 estando o caderno de encargos e mais elementos, patentes na Secção Técnica da Câmara Municipal.

Grupo Dramático da Sociedade Recreativa Atalaiense

Este simpático agrupamento apresenta no próximo Domingo, dia 26, pelas 21 horas, no Salão de Festas do Cirio Novo na Atalaia, o seu primeiro espectáculo, com um conjunto de amadores locais onde se destacam: Florentino Ferreira, Adelino Figueiredo, Maurício Sécio, Jorge de Sousa, José Bento, Deonilde Maricate, Maria de Oliveira, Perpétua Figueiredo e Ernestina Figueiredo, sob a Direcção artística do Sr. José Gaspar.

Do programa faz parte além do drama em 3 actos, do grande escritor Gomes Leal: *António, A Última*, um acto de variedades, em que tomam parte os elementos citados e mais Ivone Gonçalves, Miguel de Azevedo, o pianista Custódio Carrusca de Sousa e o popular Conjunto Musical «Os Canários» da Atalaia.

O producto da festa reverte a favor das obras da nova sede, estando os bilhetes à venda nos principais estabelecimentos da Atalaia.

das Vinhas Grandes, cuja acção é digna de registo e que «A Província» sinceramente deseja ver progredir e tornar-se cada vez maior, não só a sua massa associativa como na bela obra a que devotadamente a sua Direcção está empenhada.

Bem hajam estes obreiros das pequenas colectividades, tornados grandes pela devotada fé dos seus ideais e pelo acrisolado carinho que dedicam às suas pequenas mas enormes colectividades, dos bairros da nossa Terra.

António Fortunato de Sousa

António Fortunato de Sousa, 1.º Sargento da Banda da Marinha, um músico distinto, filho da nossa terra, conhecido e considerado como o 1.º saxofonista português, tomou agora a seu cargo a regência de duas Bandas de música — a Sociedade União Beixalense e a Sociedade Filarmónica de Loures. «A Província congratula-se pelo facto, desejando ao novo maestro as maiores felicidades e os grandes êxitos de que é merecedor.

O Trânsito em Montijo

Há cerca de seis meses anunciámos que a Câmara tinha deliberado nomear uma Comissão para estudar e elaborar as Regras de trânsito na Vila de Montijo.

Porque seis meses, nos parece tempo mais do que suficiente para resolver tal assunto e, até à presente data nada se sabe sobre tão importante problema, pedimos licença para perguntar, em que altura vão os trabalhos da referida Comissão?

Gostaríamos que alguém nos respondesse, por favor.

Vacinação Anti-rábica

Mês de Fevereiro — Todos os dias às 2 horas da tarde, terminando no dia 28 do corrente a aplicação da taxa A (11\$00) pela vacinação de cães.

Nos meses seguintes — Continua a vacinação de cães somente às quartas-feiras pelas 10 horas, com a aplicação da taxa R (14\$50).

CASA

Compra-se em bom local, dentro de Montijo com um mínimo de 7 divisões e quintal. Tratar no estabelecimento de Pereira & Mafra Lda. Montijo,

Festas de S. Pedro

Por iniciativa de um grupo de rapazes da nossa terra, vai ressurgir a marcha do Bairro dos Pescadores que tanto êxito alcançou quando da sua primeira actuação.

A iniciativa tem por fim, dar animação às próximas Festas de S. Pedro devendo a marcha integrar-se na Batalha das Flores, Marcha Luminosa etc.

Este grupo de rapazes está de parabéns, pela sua feliz iniciativa, mostrando o seu espírito de ajuda às nossas Festas, o que deve constituir um incentivo ou outras colaborações que podem e devem aparecer com o fim de animar ainda mais, as nossas já esplendorosas Festas de S. Pedro.

Organizações

Progresso

AGENCIA PUBLICITÁRIA

Apresenta semanalmente, no Clube Radiofónico de Portugal, todas as 3.ªs feiras e sábados, respectivamente às 13 e às 22 e 15 horas o programa radiofónico

REVISTA DESPORTIVA

15 minutos em que fala do desporto e a favor do desporto. Produção associada de: Fernando de Sousa, Fernando de Lacerda e Veríssimo Alves. Brevemente novos programas e novas rubricas. Para a sua publicidade consulte

Organizações Progresso

Av. de Roma, 207, 3.º. Esq.º LISBOA

S. F. 1.º D.

No próximo dia 26 de Fevereiro, realiza-se no Salão de Festas da S. F. 1.º D., uma grandiosa Soirée Dançante abrihantada pela categorizada Orquestra «ELDORADO».

Ros Armazéns e Casas de Vinhos ou outras Empresas

Oferece-se empregado com prática de balcão ou para cobrança, facturação e expediente.

Está inscrito no Comissariado do Desemprego aonde pode ser requisitado. O fundo do Desemprego participa com 50% no salário atribuído. — Dá as melhores referências. Dirigir a: Pátio Laia, Porta 8-R. 31-B. da Banheira — A. Vedros.

Agradecimento

Assunção e Emília de Jesus, desejam por este meio agradecer reconhecidas à Direcção do Asilo de S. José, a bondade e carinho com que sua mãe Angélica de Jesus, foi durante 33 anos tratada naquela casa de assistência de Montijo.

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

5.ª - feira, 23 — *Montepio*
6.ª - feira, 24 — *Moderna*
Sábado, 25 — *Diogo*
Domingo, 26 — *Geraldes*
2.ª - feira, 27 — *Montepio*
3.ª - feira, 28 — *Moderna*
4.ª - feira, 29 — *Diogo*

Boletim Religioso

Culto Católico

MISSAS

Dias de semana, às 8,30 e 9 horas na Igreja Paroquial.

Domingo 26 — às 8 horas na Igreja da Misericórdia, às 9 horas no Afonsoeiro, às 10 e 11,30 horas na Igreja Paroquial, às 11,30 horas na Atalaia, às 18 horas na Igreja Paroquial.

Horário da Catequese: 3.ª feira (Projeções e Cânticos) às 10,30 e 15 horas, Domingos — Missa às 10 horas.

Culto Evangélico

Horário dos serviços religiosos na Igreja Presbiteriana, Rua Santos Oliveira, 4-Montijo.

Domingos — Escola Dominical às 10 horas, crianças, jovens e adultos. Culto divino às 11 e às 21 horas.

Quartas Feiras — Culto abreviado com ensaio de hinos religiosos às 21 horas.

Sextas Feiras — Reunião de Oração às 21 horas.

No segundo domingo de cada celeção smbração da Ceia do Senhor

Espectáculos

CINE POPULAR

Quinta-feira 23; o surpreendente e espectacular filme. «Piratas Marroquinos» com «Taberna de Nova Orleans» e Revista de Actualidades.

Sábado 25; um filme com Amedeo Nazari «Traição» com «Ivone e Totó» e Revista Imagens de Portugal.

Domingo 26 e Segunda 27; um filme em Cinemascope da Metro, a garantia dum bom espectáculo «Marujos e Seretas», e em matinée no Domingo um filme de Bucha e Estica «Eram uma vez 2 Valentés».

CINEMA 1.º DEZEMBRO

Sábado 25; (para adultos) o filme cómico de aventuras na selva com lindas mulheres «Totó Tarzan» e o grande drama «Coração Ingrato».

Domingo 26; (para 13 anos) «Talismã» (Ricardo Coração de Leão) em Cinemascope.

2.ª-feira 27;

3.ª-feira 28; (para 13 anos) espectáculo de homenagem à Tertúlia «O Melhor é Não Matar» com «Começou no Paraíso».

4.ª-feira 29; (para 13 anos) a linda Carmen Sevilla no maravilhoso filme «Diabruras de Amor».

Compras e vendas

Vende-se

FABRICA de cortiça com 12.000 metros de terreno em Alhos Vedros na zona industrial. — Trata José da Silva Telf. — 026234.

AUTOMÓVEL barato Ford-Bébé, nesta redacção se informa.

Precisa-se

EMPREGADO que saiba andar de bicicleta, nesta redacção se informa.

Quem achou?

LUVAS de senhora e cavalheiro. Gratifica-se a quem entregar na nossa redacção.

Dar sangue .. é dar vida

Inscriva-se como dador no Hospital Sub-Regional de Montijo

Informações e mais esclarecimentos na Secretaria da Santa Casa da Misericórdia, todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 18 horas

Antologia do conto moderno

SÓ...

Encostado a um candeeiro da iluminação pública, de olhos fitos no chão, Carlos espera.

A noite desce, implacável, no seu manto de geada,

Carlos teve um leve estremecimento e volta a quedar-se.

Passam carros. Gente, mais gente. Carlos fita o chão, por vezes as pessoas. Sente um toque no ombro. Olha. Um homem está ao pé de si. Desencosta-se.

— Toma. É o que tenho...

— Obrigado irmão.

— Onde vais dormir...?

— Depois verei... É tão cedo... Adeus.

Carlos desce, maquinalmente, a rua. Ao dobrar a esquina, olha para trás. A silhueta do irmão recorta-se, imóvel, junto ao candeeiro.

Continua a caminhar. Leva a mão ao bolso e tira o embrulho que o irmão lhe entregara. Duas fatias de pão com carne. Procura um banco. Come. Não havia comido em todo o dia. Apesar de tudo... o irmão havia sido generoso. E porque não? Tinha um bom ordenado, a mulher também. Tinha um lar confortável. O irmão também havia sido compreensivo... «És um homem doente. Sim, compreendes... Para estares em minha casa... não posso».

«És um homem doente»...

A sua doença era só uma e, os muitos da família, todos lhe diziam: «Não posso»...

Quatro horas da manhã. Sopra um vento agreste. Carlos circunda as arcadas do Terreiro do Paço. Pára. Lê: «Supremo Tribunal de Justiça» «Ministério da Justiça» «Ministério das Finanças» etc. Dirige-se para junto da estátua. Ergue os olhos ao Céu e exclama: «Supremo Tribunal... da Justiça de Deus». Procura, no sopé da estátua, um recanto resguardado do frio. Sentta-se. Adormece.

Carlos é mais que um símbolo, é uma realidade.

A realidade de si próprio. O seu mundo, um mundo privado «aos ideais perversos», é o mundo de todos aqueles que, escorraçados do seio da sociedade, procuram no sofrimento a justificação do mal praticado. Não é um mundo de virtudes. É um mundo edificado nos seus pensamentos e vivido através dos seus sonhos. É um mundo diferente do vosso.

Carlos vivia corporalmente. O seu espírito jazia, há muito, no abismo da sua própria ilusão.

Como Lorenzo Stecchetti, no seu «Canto do Ódio», eu direi: «Quando esquecido e só, fores dormir sob algumas piedosas pás de terra...» a impiedade, a crueldade, a injustiça dos homens há-de perseguir-te. Serás sempre

um banido, um inútil, serás sempre... o símbolo da podridão, para as gerações vindouras. Dorme. dorme... Talvez no sonho que queiras transformar em realidade, encontres a própria realidade.

Seis horas da manhã. Pálido, tremendo dentro do fato coçado, Carlos sobe, a custo, as escadarias que dão

Por

Miguel Alves

acesso a uma igreja. Procura refúgio. Aproxima-se da grande porta. Pára. Está fechada. «Até a casa de Deus»... — pensa. Leva uma das mãos aos olhos e limpa uma lágrima. Está ali parado, hirtto, de olhos fixos na porta cerrada. Eleva de novo a mão, desta vez, à cabeça. Está dorida. Febre. Sente tonturas. Na porta, em caracteres de fogo, lê: «Não posso»... cai inanimado.

Os sentidos desaparecem para dar lugar a um estado de morte aparente. Foi assim que, dobrado sobre as escadas, Carlos foi encontrado.

A sua fraquesa era causada pelo sofrimento. Os seus pensamentos, e visões, frutos da sua revolta e desespero.

«Quem há quem a vida não haja estigmatizado?

Encontram-se nos corpos sinais inconfundíveis da luta pela vida» Onde estais ó loucos? Porque fazeis da Poesia uma tábua de salvação quando naufragados no mar das vossas desventuras? Sim, a poesia é o refúgio dos desesperados. Mas, não vêdes que eles riem? Caminhei de olhos vendados, por entre os homens, porque um cego ninguém pisa.

Carlos refugiara-se na Poesia da sua tortura. Sofria em silêncio. Sorria de dor. Voltou a si, num dos bancos da Igreja, onde, momentos antes desejara entrar. O seu primeiro movimento foi ajoelhar-se. Ergueu a mão e fez o sinal da cruz. Ao seu lado estava uma senhora. De olhar bondoso, cabelos brancos, e no rosto sulcos de uma velhice precoce.

— Sente-se melhor?...

— Sim... Sinto-me feliz! Aqui, tudo nos fala de Deus...

— Venha lá fora... Um pouco de ar far-lhe-há bem...

— Obrigado.

Sairam ambos para o átrio.

— Quem é?

— Um desconhecido... de mim próprio.

— Encontrei-o caído... fiz o que pude...

— Deus lhe pagará, minha senhora.

— Sem interesse... sem

hipocrisia, aceite o meu auxílio.

— A hipocrisia, minha senhora, é a virtude de muitas pessoas.

— Sou religiosa, sou boa. Confie em mim. Levá-lo-hei a minha casa, para tomar qualquer coisa.

— Não sei como agradecer-lhe.

— Credo em Deus. Tenha fé e será feliz!

— Sou um doente... nada espero além da paz da solidão.

— Do que sofre?

Carlos fitou-a. Ela desviou o olhar. Era tarde.

(Continua na página 5)

Crónicas Irrequietas - 19

O BONECO DE NEVE

(Continuação da 1.ª página)

menos, um boneco de neve serviu de modelo, primitiva e rudemente representado por qualquer monólito glacial que a Natureza caprichosa depositou no soalco ignoto.

Isto porque, segundo os filósofos primevos, o Egoísmo existe desde o princípio do mundo, — desde aquele tempo do Caos e das longas planícies brumosas, quando ao sexto dia o Homem foi criado.

E de então para cá nunca mais teve parança, nem afrouxamento, — segundo os outros filósofos que foram desabrochando, para se envolverem depois, às rebatinhas, uns com os outros no campo das hipóteses.

Diz um deles: «Principiou

o Egoísmo quando o amor próprio se tornou exclusivo, isto é, logo que o homem passou a andar tão atarefado à cata de suas conveniências que as dos mais lhe foram de todo indiferentes, e, até em benefício próprio, não duvidou sacrificá-las».

Diz este: «Do Egoísmo promana orgulho, vaidade, cobiça, avareza, tirania, opressão, fatuidade, etc.».

Digo eu, agora: O Egoísmo cresceu lado a lado com as ambições humanas. Cada qual procurou imediatamente ser mais poderoso e mais abastado que seus irmãos na Terra, — como se conclui, por exemplo, do caso de Sodoma.

Ainda hoje não sei, francamente, se a mulher de Lot, — a que foi transformada em estátua de sal, — olhou para trás por mera curiosidade ou com pena dos bens que ali deixara e que iam ser derretidos pela chuva de fogo e de enxofre. Mas o que sei é que, se tal processo fosse aplicado em casos idênticos, já há muito que várias sodomas, por mal dos homens e das mulheres, haviam merecido e sofrido o mesmo castigo...

E como assim não sucedeu, o Egoísmo cresceu e desenvolveu-se à desfilada, pelos séculos adiante, sempre com os olhos fitos no monólito glacial que lhe servira de modelo.

E aqui o temos, fiel aos princípios, simbolizado no boneco de neve que os meus garotos da rua arrastam com imenso gáudio, a caminho da celebridade.

Aqui lhe partiram dedos das mãos, — como os iconoclastas da estátua do Eça; mais além lhe arrancaram um pé; mais além ainda, lhe esborracharam o nariz; até que, ao chegar ao panteão das imortalidades, mais não restava do que a massa esfarapada dum esquelético palhaço!

E, enquanto o boneco de neve se desfaz lentamente, o Egoísmo das minhas filosofias crescia sempre, sempre assumia proporções de montanha mastodôntica, estendendo os tentáculos, cada vez maiores, para abarcar o Universo!

Ora vejam onde a presença dum simples boneco de neve levou meu pensamento e minha imaginação!

E o meu termómetro continuava também marcando cinco graus abaixo de zero, a descer, a descer...

E em vários países, e no nosso igualmente, há tanta criança com frio, sem agasalhos, a tiritarem, a tremerem como vimes açoitados! Porque não lhes acodem agora? Porque as não vão buscar agora?

E do boneco de neve só se vê um dedo esguio a puxar a pálpebra dum olho, como certo sinal que costumam usar os espertalhões...

ALVARO VALENTE

Narrativa

Vieste com a tarde, ao rés das sombras, por charnecas onde os trovões riem nas madrugadas e a sede inventa trópicos de angústia no coração das ervas maceradas.

Vieste com a tarde, à beirinha da noite com olhos de seara no teu profundo olhar.

(Ó maltês das estradas onde vão teus olhos poisar?)

O teu chapéu roto é uma bandeira ao crepúsculo e as tuas faces lembram os arvoredos sem folhas plantados no coruto das manhãs.

Vieste com a tarde, à beirinha da noite, e os teus olhos contaram a epopeia dos longes os versos novos das auroras e dos ciclones de tantas terras irmãs.

(Maltês do Alentejo Quem te deu a maçã Que trazes na mão?)

Conta a história das estrelas dos arrozais, das árvores mirradas e da Solidão.

Fala da vida nova das albufeiras em terras de sede fala das estradas do vento suado dos teus irmãos camponeses, dos temporais das eiras vermelhas de pó fala das horas, dos dias, dos meses.

Fala do ódio das cobras, da lenda das cigarras dos horizontes nevoentos do perfume dos ventos e dos cães raivosos açulados, pelos maiores.

Fala dos ermos dos trigos ceifados. Fala dos patrões e dos criados. Fala dos cantadores das vilas e dos ciganos com os seus cavalos. Fala do aroma picante dos chaparraís.

Fala das crianças pobres, maltês. Fala do sol e das suas lendas dos ganhões e das suas rendas. Fala da vida heróica das abelhas do amor das aves do desespero das noites sem lua da mansidão das estrelas.

Vieste com a tarde, à beirinha da noite e encheste de esperança o coração fatigado do povo.

Mas nada pediste senão água para curares a sede e pão para matares a fome.

Olhaste a noite que lá vinha e meditaste nos sonhos férteis que a própria noite encerra.

Depois disso, o teu silêncio, o movimento moreno das tuas mãos, a serena força do teu olhar contaram ao povo a mais bela história da Terra.

Antunes da Silva

Gabinete de leitura

Brados do Alentejo — Este jornal que o Sr. Eng.º André Navarro, dirige com perfeita dignidade e grande sentido jornalístico, comemorou em 1 do corrente 25 anos de existência.

Tem para nós particular interesse o aniversário do prestigioso semanário regionalista que o Dr. Marques Crespo fundou. Foi ali, carinhosamente acolhidos e entusiasmados que lançamos timidamente os primeiros escritos à luz da publicidade.

Prestamos nesta hora, sincera homenagem à sua memória e saudamos com simpatia e perfeita camaradagem na pessoa do seu Ilustre Director, «Brados do Alentejo» e todos que nele trabalham.

Sempre Pronto — Mensário Escotista — Onze anos ao serviço do Escotismo em Portugal, é a data que comemora este simpático jornal.

Aproveitamos para saudá-lo e desejar-lhe longo e risonho futuro.

Almanaque Ilustrado de Fafe — 1956 — Dirigido competentemente pela Exm.ª Sr.ª D. Isaura Pinto Bastos, Directora do semanário O Desforço, da risonha vila de Fafe, recebemos este interessante e bem elaborado Almanaque para o ano de 1956.

Com boa colaboração, fotografias, artigos, poesias e curiosidades tem esplendido aspecto gráfico e presta um optimo serviço de propaganda à terra que lhe dá o nome.

Gratos pela oferta e gentileza da dedicatória.

Boletim do Porto de Lisboa — N.º 59 — Mais um número da esplendida e útil publicação editada pela Administração-Geral do Porto de Lisboa, proficientemente dirigida pelo Sr. Dr. Raul Humberto de Lima Simões.

Este número tem as costumadas secções e ainda muitos artigos de interesse tais como: «Portos comerciais portugueses dáquem e da-lém-mar» «A organização da prevenção de acidentes de trabalho nos portos» «A propósito da projectada zona franca do porto de Lisboa» etc, etc.

Gazeta Literária — Dezembro — O último número recebido nesta redacção insere como sempre boa colaboração destacando-se no seu sumário os seguintes artigos: O Acordo ortográfico Luso Brasileiro, Os cinquenta anos de teatro do escritor Arnaldo Leite, A Caminho das Bodas de Diamante, Como nasceu e morreu «Um sonho de uma noite de verão, Problemas que nos dizem respeito, etc, etc.

Telefone 026 379

Data boar Fotografias

Foto Montijense

A SUINICULTURA

Nos Estados Unidos

Especial para «A Província» do College Station - Texas - U. S. A.

Os diversos manuais e guias de criação de porcos costumam dividir o ciclo vital destes animais em diversas fases: reprodução (pré-gestação, gestação, parição), lactação, crescimento e engorda com maior ou menor número de sub-divisões.

Em artigos precedentes tratámos das duas primeiras. Terminaremos este apanhado geral sobre a suinicultura americana com as duas últimas que vulgarmente andam fundidas.

As distinções em questão não são simples divisões académicas.

Cada uma delas corresponde a um dado período da vida orgânica do indivíduo e, considerada a questão do ponto de vista do agricultor, a uma fase do ciclo económico da produção de carne único objectivo que se procura atingir a partir desta espécie doméstica.

Sucede pois que nestes diversos períodos são diferentes as necessidades do animal. Os três primeiros correspondem aqueles em que o organismo está em formação, em que as bases do «edifício» se estão construindo.

De maneira semelhante com o que sucede nas edificações é necessário utilizar materiais de boa qualidade logo desde o início, ou melhor, sobretudo desde o início. No caso do porco estes materiais são principalmente constituídos por proteínas

para a formação de músculo, de carne, em linguagem industrial, de sais minerais para a construção de tecidos duros, principalmente de ossos, de vitaminas para se assegurarem as diversas reacções biológicas.

Logo que o animal atinge o estado adulto, isto é, logo que a «armação» está terminada entra-se propriamente na fase de acabamento que é afinal de contas aquela que vai decidir do valor venal, no caso presente do valor em dólares da mercadoria.

Tal como é impossível fazer um edifício sólido e seguro sem material conveniente em qualidade e quantidade assim é impossível obter um bom porco se nas primeiras fases da sua vida não lhe fornecermos as substâncias nutritivas indispensáveis que podem ser encontradas nas forragens verdes e nos resíduos de leitaria, farinhas de carne, de peixe, bagaços de oleaginosas e até na luz do sol.

Hoje quando toda a gente fala de porcos de carne convém mais do que nunca ter presente que não há possibilidade de se produzirem animais com rendimento elevado se desde o início não lhes fornecermos o material com que a carne se produz — a proteína.

A primeira coisa que necessita um escultor para fazer uma estátua de pedra é a própria pedra.

E' claro que é mais dis-

pendioso alimentar bácoros com os produtos que acima apontamos do que mandá-los para o campo à procura de umas ervas e de umas minhocas...

O que também sucede é que desta última forma não se podem obter porcos com cerca de 100 quilos aos 6 meses a não ser em casos muito especiais...

O agricultor americano hoje também às voltas com o mesmo problema da carne limpa é incessantemente lembrado destes princípios.

As diversas estações experimentais tem efectuado numerosas experiências no sentido de determinar quais as necessidades dos animais para os diversos princípios essenciais (proteínas, vitaminas, sais) nas diversas idades.

Dr. Ramiro Ferrão

(Continua)

A semana histórica

Coordenação de
Frei Agostinho de Penamacor

FEVEREIRO

Dia 11 — 1935 Abertura solene da Assembléa Nacional e da Câmara Corporativa.

Dia 12 — 1856 — Nasce Henrique Lopes de Mendonça.

Dia 13 — 1860 — Inauguração do Teatro Baquet, no Porto.

Dia 14 — 1659 — Batalha das Linhas de Elvas.

Dia 15 — 1896 — O Parlamento vota uma pensão à viuva de João de Deus.

Dia 16 — 1889 — Morre o insigne escultor Soares dos Reis.

Dia 17 — 1497 — D. Afonso V manda passar, em Evora, a Lourenço de Faria a carta de Alferes do estandarte de seu filho, o Príncipe D. João.

Dia 18 — 1785 — Nasce Teotónio Banha.

A CORTIÇA na economia portuguesa

(Continuação da 1.ª página)

fogo português na moeda nacional e divisas estrangeiras.

Mas não só de pecúnia deve falar-se ao tratar das cortiças portuguesas.

Também o trabalho tem um lugar bem demarcado na exploração das cortiças. Desde a sementeira ou transplantação dos sobreiros, na limpeza e aproveitamento de lande para a engorda de porcos aproveitamento de lenhas e cascas, descasque da cortiça virgem, tiragem de amadia, ao seu aproveitamento e aplicação industriais, o seu comércio e transporte, movimentos de troca que provoca, etc., etc., tudo deve ser encarado ao tratar-se das nossas cortiças, pois tudo são actividades de que se extrai beneficio económico e emprego.

Um índice de actividade bem elucidativo do desenvolvimento e progresso actual está na estatística comparada entre fábricas em 1954 e 1955 de que resalta uma estabilidade bastante significativa. Assim, em Setembro de 1954 estavam em laboração 109 fábricas de cortiça e em Agosto de 1955 mantinham-se em laboração 108.

O índice dessas activida-

des industriais pode ver-se, tomando como base 100 a média mensal de 1948 —, que em Setembro de 1954 o índice de dias de trabalho, era de 82, e em Agosto de 1955, era 87, bastante estacionário, diga-se em abono da verdade.

Os índices da produção fabril em referência ao ano de 1948, com base mensal 100, eram Setembro de 1954 inferiores aos de Agosto de 1955, excepto nos aglomerados para revestimento. De um modo geral, portanto, a actividade fabril caminhava em rumo certo.

Os mercados do Brasil, com a subida ao poder de Juscelino Kubitschek de Oliveira, da Argentina, com a sua estabilização governamental, da Alemanha, com a assinatura do Quinto Protocolo Adicional ao Acordo de Comércio e de Navegação, e da União Económica Belgo-Luxemburguesa, pela prorrogação do Acordo Comercial, para só referirmos alguns, visto os outros mercados estrangeiros se manterem normalmente, são de molde a criar um grande fundo de optimismo e confiança na evolução da conjuntura económica corticeira.

Antologia do conto moderno

S Ó . . .

(Continuação da página 4)

Ele havia encontrado, nas profundas insólitas daquele olhar, o reflexo dos seus próprios pensamentos. Disse-lhe a verdade.

— Pulmões! . . .

Um raio não teria separado tão depressa aqueles dois seres à pouco irmanados pelo mesmo sentimento.

— Desculpe. Tenho um altar por arrumar. . . Não me lembrava. Pegue, para as suas despesas.

Carlos reentra na Igreja e, dirigindo-se a um altar, deixa cair numa pequena caixa a coroa que a Virtude lhe entrega. Fitando a imagem de Maria, exclama: «Bendita sejas tu entre as mulheres.»

Chove. O vento sopra com fúria. As árvores, raquíticas, não desafiam os elementos em fúria. Rendem-se de ramos rastejando pelo solo. Carlos, de cabelos encharcados e a gola do casaco levantada, caminha

indiferente. Os seus passos, cadenciados, marcam o ritmo dos seus pensamentos. Segue sem rumo, sem vida. O vento segreda-lhe aos ouvidos: *A hipocrisia é a virtude de muitas pessoas. . .*

Ao fundo. Já a desaparecer por entre os homens e as coisas, estende a mão a um indivíduo. «*Não posso. . .*» «*Não tenho. . .*» continua a andar. . . de súbito, pára.

As suas ideias são confusas. Os seus pensamentos absurdos. Olha para trás. O indivíduo, quem havia estendido a mão, caminha de costas voltadas para si.

Levantando o braço, Carlos, aponta o dedo e dispara: *Es uma peça do mecanismo que impulsiona a tua existência — a Sociedade.*

Num último esforço pôs-se a andar automaticamente. Desaparece, só, no turbilhão da vida.

Miguel Alves

MOBILOIL

O lubrificante dos campeões

AGENTES EXCLUSIVOS

Tamarca, L. da

Telef. 026 152

MONTIJO

José Teodósio da Silva

(Herdade)

Fábrica fundada em 1900 (em edifício próprio)

Fábrica de Gasosas, Refrigerantes, Soda water, Licores, Xaropes, Junipero, Cremes de todas as qualidades, etc.

Fabricos pelos sistemas mais modernos

6—Rua Formosa 8—Telef. 026 204
Montijo

DESPORTOS

Queremos a verdade...

Por Manuel Lino

Sinceramente confessamos-nos desorientados e aturdidos para podermos alinhavar algumas considerações acerca do jogo do passado domingo, em que a equipa do C. D. M., frente ao Arroios, se viu derrotada pela diferença mínima.

Não assistimos ao encontro. Todavia, pelos comentários que ouvimos tecer, cremos ter sido uma má jornada ao serviço do clubismo montijense, tão falho de boas vontades e coesão. Creemos mesmo, ter a derrota de domingo provocado uma nefasta onda de má vontade e aborrecimentos para com a massa associativa, tão coisa duma recuperação da equipa representativa do futebol montijense.

A poucas horas do aparecimento a público deste semanário, não sabemos o que escrever, pois um violento dilema de consciência nos atormenta, quanto à posição a tomar.

Como confessámos a semana passada, perfilhamos o critério que a nossa posição deve ser de apoiar aos que lutam e trabalham pela causa Desportiva. No entanto, concordamos que não podemos iludir as centenas de pessoas que por estes casos têm interesse e a quem continuamente pedimos que tenham paciência, calma, resignação e outras coisas mais, pois corremos o risco de sermos considerados lumáticos ou visionários.

Desta maneira, tentemos averiguar donde parte o mal, a fim de o sanarmos. — Dos dirigentes? Dos técnicos? Dos praticantes? Dos associados?

Nalgum ponto deve estar o «calcanhar de Aquiles» do futebol montijense o que representa o mesmo que dizemos da actividade desportiva desta laboriosa Vila.

Sabíamos no princípio da época que não podíamos acalentar grandes esperanças, dado à inexperiência da maior parte dos jovens que constituem a equipa. No entanto estes foram dando conta de si, até se permitindo ao luxo de vencer o Clube mais categorizado, hoje apurado campeão da série.

Tivemos, de facto a grande contrariedade do desastre de Ferreira do Alentejo que abalou profundamente a moral da equipa, desfalcando-a de 3 elementos, dos quais dois pelo seu saber e aplicação bastante falta estão fazendo.

Julgamos, porém, não ser esta razão tão transcendente que viesse a provocar o descalabro que temos vindo a verificar de domingo para domingo.

Há a considerar ainda a desorientação ocasionada pela demora em se conseguir elenco directivo, a qual foi aproveitada para alguns praticantes terem afrouxado a sua preparação, faltando aos treinos e esquecendo-se que, neles próprios, mais tarde se viria a reflectir a falta de brio e vontade em manter a melhor forma.

Em devido tempo fomos informados como aqui demos noticia, de que a Direcção actual tinha providenciado no sentido de pôr as coisas no seu devido lugar, para que se não repetissem tais faltas.

Analizados os «contras», pois sinceramente não encontramos «prós», concluímos que nesta altura a equipa tinha a obrigação de estar a fazer melhor prova. Todavia, julgamos perceber que os «rapazes» estão cansados. E cremos residir aí o mal das deficientes actuações que a «turma» montijense vem efectuando. Nesta altura tem António Fabregas a palavra. E como tribuna livre que este jornal representa, ficamos aguardando os seus esclarecimentos, de modo a podermos elucidar os nossos leitores da Verdade acerca dos problemas do futebol montijense.

O treinador será a primeira pessoa que virá depor neste inquérito público que visa o saneamento da principal actividade desportiva praticada pelo C. D. M.

Aguardemos, portanto o que António Fabregas nos irá dizer e volvamos os olhos para o encontro do próximo domingo, onde se resolverá a nossa inclusão na disputa da Taça de Portugal.

A equipa do C. D. M. será sujeita a exame, resultando da sua aprovação o prestígio para a nossa terra, ao vermos figurar o seu nome na lista das melhores equipas portuguesas de futebol. Se «chumharmos», bem podemos «arrumar as botas» e fazer planos para a nova época. Isto, porém, é mais fácil de escrever do que admitir pois não, devemos esquecer a massa associativa a quem se está fazendo, nesta ocasião, um pedido de sacrificio para elevação do Clube.

Quanto a nós estamos plenamente convencidos que a garra, a vontade, «a genica», o frenezim, tudo o que os nervos produzem para alimentar «o querer» do atleta, estarão dentro do coração dos nossos rapazes que farão o maior sacrificio para não deixar fugir a oportunidade de verem os seus nomes lado a lado com os das maiores figuras do futebol português.

Capacitados, também ficamos, que o generoso público montijense perdoará todos os desgostos sofridos até hoje e lá estará, vibrante de entusiasmo, ardendo em fé pela vitória e catinholo para com a «rapaziada», de modo a que esta obtenha aquilo que todos nós ansiamos.

É a última cartada que vamos arriscar neste Campeonato sem saudades. Que todos nos unamos numa manifestação de unidade clubista e vontade em vencer.

Obrigado Rapazes!

Porque somos desportistas de alma e coração ficámos sinceramente bem impressionados com o resultado conseguido pelo Montijo frente à categorizada equipa do Luso.

É de louvar a acção de um punhado de rapazes cheios de boa vontade, que, salvo erro, há cerca de sete anos chamam a si a responsabilidade de defenderem a camisola do nosso Clube, na modalidade que mais carinho lhes mereceu. Desportistas absolutamente amadores deslocando-se algumas vezes a expensas suas, lutando com a falta de um técnico que os orientasse; modestamente, têm procurado resolver todas as dificuldades, merecendo da extraordinária boa vontade que é apanágio de todo o atleta amador, lá vão singrando, qual frágil barco ao sabor da maré, consoante ela é boa ou má.

As suas três equipas viram-se extremamente dificultadas na sua preparação (treino), que só podiam fazer à noite, em virtude de suas ocupações profissionais, com o corte da energia eléctrica que iluminava o seu recinto de jogos. Felizmente este problema está em vias de solução em virtude das obras que o parque Municipal vai sofrer.

Posto isto, esta vitória sobre a categorizada equipa do Luso do Barreiro tem um sabor especial, pois estamos certos, constitui o melhor prémio para os briosos atletas do nosso Clube. Com estes considerandos não nos pretendemos emiscuir nos assuntos do basquete, porquanto esta secção está muito bem entregue ao nosso camarada Luciano Mocho, simplesmente, como desportista que somos, ficamos bem com a nossa consciência ao escrever estas despreziosas linhas. O comportamento destes rapazes é digno do melhor aplauso dos desportistas montijenses, porquanto ele constitui o exemplo digno de ser seguido por todos os atletas do C. D. M. tão profícuo se tem tornado. E por hoje é tudo. BEM HAJAM RAPAZES DO BASQUETE.

Artur Lucas

Basquetebol

Montijo, 48 - Seixal, 30

Continua a senda de êxitos da equipa de Basquete do C. D. M.

Na passada quinta-feira vitória no Seixal frente ao Mundet por 43-40 e no passado domingo, dia 19, outra vitória desta vez contra a equipa do Seixal Futebol Clube.

É deste encontro que nos vamos ocupar pois não só a categoria do adversário como o não termos assistido ao jogo com o Mundet justifica o facto.

Com arbitragem dos Srs. Frederico Sobral e Walter Monteiro, as equipas alinharam:

MONTIJO: (21 cestas e 6 lances livres transformados em 11 tentados) Cepinha (4) Rosa (2), Tomaz (25), Barreiras (6), Adriano (11) Adelino e Lopes.

SEIXAL: (14 cestas e 2 lances livres transformados em 12 tentados) Carvalho, Lopes (7), Próspero (8), Santos (10), Costa (5) e Pires.

A superioridade do Montijo, como o resultado final deixa prever, foi incontestável, mas só manifestada no segundo tempo.

No primeiro tempo, sem dúvida, foi o Seixal quem levou a supremacia.

Dominando excelentemente as tabelas e sempre em vantagem no marcador, o «cinco» seixalense mostrou mais união, jogadas melhor medidas e melhores «meias distâncias» que a equipa do Montijo.

Todavia, no segundo tempo o Montijo esteve irresistível. A rapidez empregada no contra-ataque parecia qual bomba lançada no espaço a uma velocidade incalculável.

O Seixal neste meio tempo foi positivamente cilindrado e não mais mostrou a sua melhor organização nem o poder de encestamento como até aí.

Devemos dizer: o contra-ataque hoje é a melhor arma que tem a equipa de Basquete de C. D. M.

Cepinha tornou a ser magnífico nos ressaltos e Tomaz a ser o grande encestador a que estamos habituados a admirar.

O duo da arbitragem poder-se-á considerar de imparcial e criterioso.

Embora fora do âmbito deste jogo há um pormenor que nos apraz registar: O entusiasmo no Montijo pelo Basquetebol está a ser crescente e duma maneira vertiginosa.

A assistência no domingo vibrou consideravelmente com as peripécias do encontro e apoiou a equipa como nunca tínhamos visto apoiar.

E bom sinal e lenitivo para futuros jogos.

Na categoria de Júniores o Montijo foi vencido pelo Luso por 36-25 em encontro realizado no sábado, 18, no Barreiro.

Luciano Mocho

Futebol de Beneficência

Conforme estava anunciado, realizou-se na passada terça-feira, dia de Carnaval, o festival de beneficência às vítimas do desastre de Ferreira do Alentejo.

Para um espectáculo organizado com uma finalidade única; a solidariedade, era de esperar mais afluência do público.

Porém, tal não sucedeu como seria de desejar, mas devemos dizer, que quem lá foi não deu por mal empregado o seu tempo.

No primeiro jogo o «Palmeiras» venceu os juniores do C. D. M. por 2-1, revelando mais sentido de oportunidade e mais entre ajuda nos seus elementos. Os juniores confirmaram a sua inépcia frente às balizas.

No segundo jogo defrontaram-se duas equipas da 1.ª categoria do C. D. M. — «solteiros» e «casados». Jogo sem nada de especial a não ser um «golão» de Caixeirinha a extremo esquerdo e terminou com o empate a uma bola.

No terceiro e último jogo, defrontaram-se as «velhas glórias» e as «novas glórias». Jogo engrandíssimo de seguir, com quedas carnavalescas (as pernas já faltavam) e ainda algumas amostras de bom jogo por parte dos mais «velhos». Alguns elementos como Palmelão, Raul, Lafça e Aleixo nos «velhos» mostraram-nos belas coisas e nos «velhos novos», José Afonso e Américo Pinto revelaram-nos que se quizessem ainda podiam ser alguém no nosso meio. O resultado foi o melhor, 2-2, e que contentou ambas as partes.

Enfim, uma tarde agradável e que serviu para amenizar os infelizes daqueles batidos pela má sorte do Destino.

L. M.

Columbofilia

Lista de prémios oferecidos até esta data para a CAMPANHA DE 1956

Comissão das Festas de Montijo, 1 taça; Banda Democrática 2 de Janeiro, 1 taça; António Luis Alves, 1 taça; A. Vespelra, 1 taça; João Teodoro da Silva, 1 anilha em ouro; Casa Faz.-Chuva, 1 par de sapatos de criança; Representações Reptal, Lda., um esplêndido album; Casa João Batista Lopa, 2 esplêndidos pares de peúgas para homem; Casa Baeta, 1 magnífica gravata; José Carabineiro, 1 lindo saco em rede; Carlos Leitão, 1 garrafa de aniz; Cosme Benito Sanchez, 1 garrafa de Vinho do Porto; Café Velmar, 1 garrafa de licor; Celeiro do Povo, 1 garrafa de licor; Drograria Oriental, 2 pastas Couraça e 2 Sabonetes; Somocol, 1 gilete, 12 lâminas, 1 pincel e 1 pacote de sabão; João Sancho Barreira, 50\$00; Drograria Montijense, 10\$00; Alfredo Marques Soeiro, 1 taça; Somorel, 1 taça; Jaime Sennfelt, 100\$00; Fábrica de Chocolates a Vienense 1 caixa com Bombons no valor de 100\$00; Marpal, Lda., 1 lata 2,5 l. B. P. Energol Special; José Porfirio Ezequiel, 20\$00; Gabriel Domingos do Carmo, 1 garrafa de Vinho do Porto; Frederico Futre, 1 garrafa com 1 litro de Bagaceira; Casa Bambino, 1 linda blusa de lã para criança; Drograria Cardeira, 1 blusa grande com creme de barbear; Drograria Carvalheira, 2 frecos de brilhantina.

Concurso de Prognósticos

Prestes a chegar ao final da 1.ª fase o concurso mantém o mesmo interesse.

Esta semana, com 12 resultados certos, ganhou os 300\$00 em compras o Sr.

Rogério Manuel Soeiro Pires

Rua da Barrosa, 32 — MONTIJO

Leia no próximo número Regras e Condições da 2.ª fase

Corte a cabeça deste cupão e guarde-o

CUPÃO N.º 21

Concurso Prognósticos de Futebol de «A Província»

CORTE POR AQUI

Zona Norte		Zona Sul	
Leões	Boavista	Montijo	Portimon.
Chaves	Vianense	Arroios	Farense
Leixões	Tirsense	Portaleg.	Oriental
Espinho	Sanjoanense	Elvas	Beja
Peniche	Viseu	Coruchense	Montemor
Guimarães	U. Coimbra	Estoril	Juventude
Salgueiros	Gil Vicente	Olhanense	Olivais

Nome

Morada

Localidade

«A Província»

Cupão N.º 21



do Minho ao Guadiana



Beja

Tudo leva a crer que desta vez o Castelo, velha reliquia sempre altiva, pela qual todos os bejenses têm justificado orgulho, por ser dos monumentos históricos que mais honram esta velha Pax Júlia, será iluminado exteriormente, devendo o local onde ele se situa, depois de concluído o ajardinamento que consta do projecto, ficar a constituir mais um motivo de atracção turística para os viandantes que desta época do ano em diante visitam a cidade.

Foram até já feitas, numa das últimas semanas, as primeiras experiências por uma das firmas interessadas na execução do trabalho.

Oxalá as coisas se conjuguem de modo que muito brevemente, possamos ver aquela altaneira e senhoril Torre de Menagem, que é das mais belas do país, anunciar ao noctívago viajante, a proximidade da terra, onde a genial Soror Mariana chorou seus amores.

Alcochete

— O Governo, por despacho do Sr. Subsecretário de Estado do Comércio e Indústria, autorizou a montagem em Alcochete de uma grande fábrica de papel, à firma «Caima Pulp & C.ª», poderosa organização industrial de pasta de eucalipto.

Esta notícia deixou profundamente entusiasmados todos os habitantes desta vila, pois a montagem de grandes indústrias traz a possibilidade de se atenuarem as crises de trabalho e a esperança de melhores dias para as classes trabalhadoras do Concelho.

S. Braz de Alportel

Homenagem Póstuma a Joaquim Sancho

Faz amanhã 6 anos que faleceu em S. Braz de Alportel — sua terra natal — Joaquim Sancho, considerado industrial de cortiça em Alhos Vedros, onde viveu largos anos, lutando com perseverança pelo futuro de seus filhos que o idolatravam. Tanto ali, com na vasta região do Barreiro e Montijo, onde era muito conhecido e estimado, como em geral por toda a parte onde tinha os seus negócios, contava numerosos amigos e admiradores que ainda deploram a sua morte.

No dia 13 de Fevereiro de 1950, São Brás de Alportel vestia-se de luto logo que soube da infausta e inesperada notícia.

Não podia ter sido nem maior nem mais imponente a manifestação de homenagem à memória do querido morto.

É quase impossível fazer um cálculo aproximado do povo que aqui e acolá sentidamente comentavam o afinal da vida daquela grande alma.

Todos se sentiam maguados e pesarosos; e nessa situação faziam vir à memória passados momentos de convívio com este despretencioso e infatigável sambrasense, honra da sua terra.

Porque, se na região do Montijo e de Alhos Vedros era uma alma aberta para todos que o conheciam, em São Brás de Alportel, onde era Presidente da Câmara Municipal, todos tinham fé no seu trabalho honesto e na sua inteligência para o engrandecimento e prosperidade da sua terra, onde

tanta admiração deixou, e para o qual, apesar da sua tão abalada saúde, propunha-se e já tinha começado a trabalhar com afincos pelos interesses e necessidades locais.

Em Alhos Vedros principalmente, e por toda a parte onde viveu, trabalhou — talvez mais do que podia a sua saúde, para conquistar com honra e dignidade a felicidade de sua família.

E assim, no cemitério da sua terra natal descança, dorme eternamente o sono dos veneráveis cidadãos cujo corpo exangue e frio desceu ao túmulo pranteado por centenas de creaturas, expressões de profunda amizade e infinda gratidão.

O autor destas notas, limita-se a prestar-lhe uma merecidíssima homenagem de verdadeiro amigo e admirador.

Manuel Francisco Condeiros Junior

Portalegre

Faleceu no dia 16 em Monforte, sua terra natal o lavrador Cláudio Moura, figura muito popular no meio taumáquico português.

O conhecido ganadeiro foi acometido de doença súbita na quinta-feira de tarde, quando se encontrava num café desta cidade. Conduzido a uma clínica local, o seu estado agravou-se rapidamente sendo transportado na manhã seguinte para a sua casa de Monforte, onde veio a falecer rodeado pela esposa e outras pessoas de família.

Cláudio Moura, que contava apenas 56 anos, adquirira há anos em Espanha a

ganadaria da Viúva Soler, vacada de grande prestígio no país vizinho e mercê de cuidados e desvelos próprios do aficionado inteligente que era, conseguiu manter sempre em alto nível o bom nome da divisa, perante os públicos de Portugal e de França.

Foi em tempo, administrador do Concelho e presidente da Câmara de Monforte; que lhe fica a dever grandes melhoramentos, como a instalação do serviço telefónico e a energia eléctrica.

Era um dos maiores proprietários daquele concelho e fazia também a exploração agrícola da Tapada Ducal de Vila Viçosa.

Era casado com a sr.ª D. Deolinda Silveira de Moura e pai do sr. António Sidónio de Moura e irmão do sr. dr. João António Silva de Moura.

Pegões

A população de Pegões viu já realizado um sonho que há muito desejava: a instalação do telefone que, era uma das grandes necessidades desta região. Brevemente será lançada a primeira pedra para a construção da Capela que será erguida no lugar de Pegões-Gare, assistirá ao acto o Senhor Arcebispo de Évora.

Fotofilme

Trabalhos para amadores
Fotografias d'Arte
Aparelhos Fotográficos

Reportagem Fotográfica
Rua Bolhão Pato, 11 - MONTIJO

Sesimbra

(Continuação da 1.ª página)

todas as horas más, o homem que não se esquece em todas as horas de alegria ou de triunfo.

«A Província» sente-se honrada pela gentileza do convite que lhe proporcionou poder associar-se à justíssima homenagem ao ilustre homem público sesimbrense.

O programa da homenagem foi escrupulosamente cumprido com actos de recepção e cumprimentos no salão nobre dos Paços do Concelho e banquete no salão de festas da Vila Amália, com a presença de entidades oficiais e muitas individualidades do distrito e de Lisboa. As inúmeras adesões verificadas e a geral simpatia com que foi acolhida a iniciativa, dão bem a ideia da estima em que é tida a personalidade do Sr. Eng. Roquette que como Presidente da Câmara, antigo sub-delegado regional da M. P., Provedor da Misericórdia e dirigente de outros organismos locais, tem prestado inestimáveis serviços à sua terra natal.

«A Província» que se fez representar pelo seu enviado especial sr. Professor José Manuel Landeiro, publicará no próximo número a reportagem completa do importante acontecimento.

Telef. 026 208

LATOARIA CENTRAL

DE

JOAQUIM ANTÓNIO DA SILVA

Embalagens em Folha de Flandres

Rua Almirante Reis, 77

MONTIJO

Folhetim de «A Província»

N.º 44

O segredo do espelho

por

Augustus Muir

Durante alguns segundos fiquei preso ao terreno sem me mexer, mas quando uma segunda bala me passou por cima da cabeça, corri para me abrigar por detrás de um talude próximo e caí na neve.

Uma dezena de suposições me vieram à mente.

Foi-me no entanto impossível chegar a uma conclusão precisa, mas uma coisa era clara.

Minhas apreensões eram fundadas. Lucille Paradene tinha caído nas mãos dos seus inimigos.

Este pensamento me causou calafrios. O sentimento que eu acalentava por

aquela rapariga não restava já a menor dúvida.

Amávia-a.

Era certo que o mais rudimentar bom senso, me aconselhava bater em retirada até à Hospedaria e aí esperar a polícia que devia estar prestes a chegar.

Mas sentia-me incapaz de suportar uma tal espera. Aguardei.

Não vi ninguém em cima do telhado, mas era imprudente continuar o caminho descoberto.

Com muito cuidado comecei rastejando e procurando todos os abrigos que me poderiam convir. A cada momento podia ser atravessado

por um tiro, e essa respectiva não me agradava nada.

O crepúsculo caía, o sol desaparecia por detrás das montanhas.

XII

CAPITULO

Em que finalmente o segredo do espelho se desvendou.

Em pleno dia uma tentativa destas era temeridade, mais agora na obscuridade consegui transpor sem perigo o pequeno muro situado por detrás de *Falcon Castle*.

Docemente, experimentei abrir a porta. Estava fechada à chave. Isto no entanto não me fez desistir, trepei para cima de uma grande cisterna, o que me permitiu subir para o telhado de um pequeno telheiro anexo à casa.

Daí vi uma janela aberta, que se encontrava um pouco mais longe e alta sem dúvida, mas com um esforço consegui alcançá-la e em-

bora estreita meti sem custo o corpo, e encontrei-me dentro da casa, na parte velha onde existia uma escada em ruínas.

O meu primeiro cuidado foi tirar as botas.

Tinha-me podido introduzir silenciosamente na casa, deveria agora redobrar de cuidados pois que isso me trazia uma considerável vantagem sobre o meu adversário.

Descendo ao rés-do-chão, cheguei até à cozinha, dirigindo-me depois para o corredor principal.

Nenhuma luz se via por toda a casa. Silêncio e escuridão. Dir-se-ia que a vida se tinha retirado.

Pela porta entreaberta da casa de jantar vi o fogo que estava prestes a extinguir-se. Também ali não havia ninguém e tomei o caminho da biblioteca.

Ela estava mergulhada numa completa obscuridade e atrevi-me a riscar um fósforo.

Um espectáculo extraordinário se ofereceu a meus olhos: A vasta sala estava na mais profunda desordem.

Os livros tinham sido retirados das prateleiras e lançados ao chão, a porta do armário estava aberta e o seu conteúdo espalhado de uma ponta à outra, as gavetas tinham sido retiradas e postas em pilha.

Mesmo o cofre havia sido literalmente posto a saque. O desconhecido que tinha tomado posse de *Falcon Castle* de uma maneira tão brutal, tinha feito um grande esforço para descobrir as cartas de Paradene.

Mas se Lucille estava em casa, que estava ela fazendo, e onde se encontraria «Mister» Rouxburgh?

(Continua)

O famoso homem de selos de Boston

Chegou uma carta aos Estados Unidos, entrando pelo porto de S. Francisco. Como única indicação trazia: «H. E. HARRIS. AMÉRICA». E nada mais.

Também em Nova Iorque os funcionários dos Correios se encontraram com uma interrogativa daquela ordem em face de uma carta proveniente da Nigéria e que estava dirigida assim: «H. E. HOUSE CO. BESBON. U. S. A.».

Existem mais de 200.000 pessoas nos Estados Unidos que se chamam Harris e não há nenhuma cidade chamada Besbon. Sem detença, ambas as cartas chegaram ao seu destinatário verdadeiro: H. E. HARRIS & C.^a, BOSTON.

Como comerciante número Um de selos do Mundo inteiro, o nome de H. E. Harris, é sempre conhecido onde haja um coleccionador que compre ou venda selos. O grau que a sua fama atingiu é bem significativo para o homem que aos 14 anos de idade iniciou a sua carreira de comerciante filatélico, com 25 centimos de capital!

Hoje H. E. Harris & C.^a, constitua uma poderosa firma que vendeu já biliões de selos a um incontável número de coleccionadores. Nos seus estabelecimentos, na Avenida de Massachussets, em Boston, poderá comprar-se mil selos por um só dolar ou pagar-se mil dolares por um só selo. H. Harris poderá proporcionar quase qualquer selo que tenha sido emitido por qualquer país do mundo, salvo raríssimas excepções!

H. E. Harris & C.^a está sempre mais interessado no coleccionador do tipo médio que não disponha de uma fortuna para gastar em selos, mas que possa empregar alguns dolares na sua colecção, como entretenimento.



Secção dirigida por JORGE PEREIRA

Para satisfazer os pedidos dos seus clientes de selos, Harris mantém agentes e correspondentes em 150 países estrangeiros.

(Continua)

A Volta ao Mundo

— Terá a denominação do «Bom-Topex» a exposição filatélica temática que se está a realizar em Bombaim (India) e que amanhã terá o seu encerramento.

— Esta exposição só admitiu a concurso as colecções que tratassem de: Aviação, Animais, Arquitectura, Artistas e Pintores famosos, Pássaros, Crianças, Peixes, Flores e Frutos, Lagos e Paisagens, Medicina, Música, Caminhos de Ferro, Religião, Barcos e Desportos.

— A Bulgária acaba de emitir uma série de seis selos dedicados aos grandes escritores mundiais: 16 st. castanho-vermelho (Frederic von Schiller); 44 st., cobreado (Adam Mickiewicz); 60 st., verde (Hans-Christian Andersen); 80 st., negro (Carlos de Secondat, barão de Montesquieu); 1 L., lilaz vivo (Miguel de Cervantes y Saavedra)

e 2 L., gris-oliva (Walt Whitman). Os últimos dois selos da série têm uma vinheta apenas reproduzindo o frontispício da primeira edição da obra mais conhecida do respectivo autor.

— Chegam-nos notícias de estar em preparação mais um clube filatélico português. A confirmarmos a notícia estamos certos de que a Filatelia nacional muito terá a lucrar com esta nova iniciativa, a todos os títulos digna de elogios. Iremos informando os nossos leitores de tudo o que se for passando sobre os passos da nova agremiação.

Curiosidades

— Assinala um médico ter-se cometido um erro no selo de 1/2 p. comemorativo do Centenário de Cecil Rhodes, que a Rodésia do Sul emitiu recentemente. Aparece neste selo a figura dum indígena enfermo estando junto dele o Dr. Livingston, em cujas mãos aparece um estetoscópio. Segundo o médico que assinala o erro, o estetoscópio não foi conhecido na profissão médica até ao ano em que teve lugar a morte do Dr. Livingston. Parece, portanto, improvável que o conhecimento deste novo aparelho de auscultação médica tivesse podido chegar aos confins da África ainda em vida do Dr. Livingston.

— Frank Warner, um comerciante filatélico de Nova Iorque, num artigo publicado em «Stamp Wholesaler», sustenta que as pessoas que entram nas casas filatélicas se podem agrupar em cinco categorias: os compradores, os vendedores, os curiosos, os desocupados e os caçadores de recordações. A primeira categoria é a mais numerosa, a penúltima a mais útil e a última a mais perigosa.

1.º Concurso Filatélico de «A Província»

N.º 3



- 1.ª A que país pertence este selo?
- 2.ª Em que ano foi emitido?
- 3.ª Qual o seu número no Catálogo Yvert (1956)?

PRÉMIOS

Mais um comerciante filatélico se quiz associar ao nosso 1.º Concurso Filatélico, oferecendo para prémio um excelente lote de material filatélico. Trata-se da magnífica casa filatélica J. Ell, sita na Rua da Prata, n.º 184-2.º, em Lisboa, uma das melhores no seu género no nosso país e que rapidamente conquistou a afeição do público nos dezasseis anos da sua existência. É sem dúvida esta casa onde se encontra o melhor sortido de selos estrangeiros e principalmente de selos para colecções temáticas, destacando-se as do Centenário do Selo, Desportos e Flores. Em nome dos participantes do nosso 1.º Concurso, daqui endereçamos os nossos melhores agradecimentos.

CLASSIFICAÇÕES

Apresentamos agora o nome dos concorrentes melhor classificados e cujos cupões deram entrada na nossa Redacção até 15 do corrente mês:

José Paulo de Naya e Silva, Santa Eulália - Amarante e José Mário Branco, Rua dos Bragas, 266 - Porto, ambos com 60 pontos. João Bernardo de Oliveira Peste, Rua Adolfo Coelho, 20-1.º, Esq.º, Lisboa; Narciso Mello Braz, Castelo Branco e Francisco Leal Paiva, Av. Marnoco e Sousa, 9 - Coimbra, todos com 30 pontos.

N.º 2

Incógnita!...

Uma Produção
Quinzenal de
HOLMES & MASON

Correspondência | Redacção de
INCÓGNITA | **«A PROVINCIA»**

A Voz da Secção

Sim, amigos; a secção também tem «voz»! Aqui é que ela dirá coisas.

Hoje, para começar, pede-vos produções. «Incógnita» não deve estar apenas sujeita às ideias de quem a orienta. Para bem crescer, para atingir maioridade, precisa de amparo nos primeiros passos, de conselhos, de «vitaminas», de uns «apoios» até...

Há por aí quem dê tudo isto, não é verdade?

A noite estava fria. O autocarro rolava agora vertiginosamente por uma recta, vencida uma «paragem» que nem paragem fôra por não haver passageiros a entrar. Aproximava-se da povoação dos arrebalde de Lisboa, onde era o término da sua carreira.

Um passageiro, dos poucos que ocupavam o primeiro piso, levantou-se e foi fechar o único vidro do autocarro que se conservava aberto.

O condutor batia os pés, frio, na plataforma. Pelo espelho visor, da escada, via um dos passageiros do andar superior que, encostado às costas do banco, o fitava.

Das declarações dos passageiros:

— Foi então que, sobressaindo do roncar do motor, se ouviu um estampido seco. Parecia vir de fora...

Do depoimento do motorista:

— «Pareceu-me uma camara d'ar rebentada. Travei, e deixando o motor a trabalhar, apeei-me. Verifiquei todos os pneus com cuidado. Nada achei de anormal. Ainda fui levantar o «capot» e nada vi. Voltei ao meu lugar e arranquei, sem ligar importância de maior».

Da depoimento do condutor:

— «Deixei ao meu colega o cuidado de verificar a causa da paragem. Frio de mais estava eu! Fui lá acima e sentei-me num dos bancos de detrás. Os três passageiros pareciam por nada ter dado — estavam encolhidos e sonolentos. O carro pôs-se de novo em marcha. Daí a pedaço, talvez 3 ou 4 minutos, ouvi um grito, nítido e a campanha para parar a tocar muito. Desci e vi os passageiros em volta de outro, sentado de maneira estranha e caído sobre a divisória da cabine do motorista. Do lado direito da cabeça escorria sangue.»

As respostas devem dar entrada na nossa Redacção até 14 de Março próximo. As relativas a «O Primeiro Problema», publicado no n.º 49, podem ser enviadas até 29 do corrente mês.

Processos Despachados

S. F. Amorim — (Lisboa) — A sua resposta prima pela concisão. Está certíssima. Obrigados pela presença — a primeira feminina. Continui, sim?

G. F. J. Relógio — (Lisboa) — Tem razão: houve erro nas datas. Elas têm de ser iguais porque designam o mesmo dia. Viu bem. e acertou. Agradecemos a resposta e até ao próximo número.

Do depoimento do motorista:

— «Presenciando a cena pelo vidro da cabine, julguei tratar-se de um desastre e, para chegar depressa, acelerei. Só quando chegámos ao destino, uns 2 minutos depois, percebi o que era e chamei a polícia»...

Dos apontamentos sumários da investigação:

— Auto BB 18-61 (25 da C.C.F.L.).
— Passageiros no 1.º piso — 4 no lado direito e 1 no esquerdo; no 2.º piso — 3, todos sentados no lado direito;

— Vítima (passageiro habitual) assassinada com uma bala no parietal direito; morte instantânea e recente;

— Em busca sumária foi encontrado na cabine do motorista um revólver carregado com o tambor encetado, mas de calibre diferente do da bala que vitimou o passageiro, facto comprovado pelo próprio orifício no crânio do morto, muito mais pequeno.

— Não foram encontrados vestígios exteriores da bala, no autocarro, pelo que a que vitimou o passageiro, se deve ter alojado no cérebro.

— Passe-se busca ao local onde o autocarro esteve parado.

PERGUNTA-SE;

Quem poderia ter assassinado a vítima?

(Justifique a resposta)

NOTA — As respostas serão classificadas com pontuação de 1 a 10, segundo o seu valor.

de CIÊNCIA

O Futuro da Televisão

A televisão é susceptível de tornar uma verdadeira indústria, substituindo pelos seus próprios meios. Mas terá sempre de contar, por um lado, com a rádio, por outro lado com o cinema. A sua colaboração com este último parece, efectivamente, necessária, não só para a composição dos programas, mas também para assegurar um rendimento remunerador à televisão. Em Inglaterra e na Alemanha já há emissoras de televisão e salas de projecção abertas ao público.

A televisão presta-se a muitas aplicações: a defesa nacional, a medicina, a polícia, as pesquisas científicas encontravam já nela um auxiliar precioso.

De noite, alvos iluminados por projectores poderosos, em «luz negra» são destacáveis e tornam-se visíveis graças à televisão. Todos os dispositivos de iluminação, dos navios de guerra, os observatórios terrestres e os aviões de observação poderão transmitir, quer ao navio-almirante, quer aos postos centrais dos estados-maiores, as fotografias dos seus sectores de observação.

Na medicina, para os exames pelos raios X, células foto-eléctricas poderão preservar o médico da acção nociva desses raios, podendo o estudo fazer-se a toda a profundidade que o caso requeira, o que permitirá serem reveladas particularidades que não conseguem sê-lo nos ecrãs vulgares.

Em Londres estão sendo fabricadas centenas de aparelhos receptores de televisão que já se vendem a preços relativamente baratos, pois um aparelho de qualidade regular custa cerca de mil e quinhentos escudos; e em vista de se calcular haver, dentro de pouco tempo um grande aumento de fabrico, é natural que os preços baixem ainda

e em breve se possa ali adquirir um desses aparelhos por menos de mil escudos.

Durante o ano de 1938, a televisão inglesa deu 957 horas de emissão, das quais 247 de teatro, 388 de variedades, 167 de filmes e 113 de reportagens.

Cerca de 350 cinemas de Londres devem brevemente ficar equipados para poderem apresentar programas de televisão.

O mais poderoso Microscópio do Mundo

Fazem ideia dum microscópio que possa aumentar um milhão de vezes, isto é, a diferença dum milímetro para um quilómetro?

Graças a este aparelho, pela primeira vez na ciência, pode contemplar-se um átomo.

Aos olhos maravilhosos dum centena de sábios americanos reunidos em Richmond, na Virginia, apareceu um mundo inexplorado e desconhecido.

No reino dos infinitamente pequenos, o átomo revela-se sob o aspecto «dum círculo brilhante de luz giratória».

E, sem dúvida, estas novas possibilidades que se nos oferecem serão a origem de novas descobertas.

Produtos Sintéticos

De todos os lados surgem pelo mundo os inventores de produtos sintéticos.

Na Alemanha, fabricam-se fatos de polpa de madeira e meias de celulose. Um sábio italiano descobriu, há tempo, o processo de fabricar lã sintética, com leite. Há pouco, apareceu um químico polaco que também consegue fabricar lã com cascos de animais domésticos; anunciando, além disso, que das agulhas dos pinheiros — a que em algumas regiões do nosso país se dá o nome de caruma — se podem extrair fibras em tudo semelhantes à juta e ao algodão.